

Duas campanhas de escavações no Castro de Carvalhelhos

(1965 - 1966)

O castro de Carvalhelhos fica no termo da aldeia de Carvalhelhos, freguesia de Beça, concelho de Boticas, num cabeço sobranceiro à, justamente afamada, estância de Carvalhelhos.

Dele me ocupei em trabalhos onde tenho dado conta das escavações ali realizadas (1).

Os castros, tão abundantes no norte de Portugal e na Galiza, são a expressão topográfica ou geográfico-cultural dum estilo de vida que durou pelo menos 1000 anos (séc. VIII a. C. ao II-III depois de Cristo) e teve o seu apogeu na II Idade do Ferro (post-hals-tático) nos 3 séculos antes de Cristo e nos primeiros da nossa era.

As sociedades indígenas castrejas, primeiro celtizadas, a seguir romanizadas e depois cristianizadas, constituíram a base estreme em que entroncou sólida e firme a nacionalidade portuguesa. Por isso os castros deviam ser considerados imóveis de interesse público. Em cada distrito se deviam escolher alguns castros para, sob orientação científica segura, serem escavados por grupos de estudantes em campos de trabalho organizados nas férias. Assim se poriam esses castros a coberto da fúria destruidora dos ladravazes da pedra e da obstinada e louca mania dos, não menos furiosos, pesquisadores de tesouros.

Os castros bem merecem ser defendidos e valorizados. Neles se implantam velhas raízes da nacionalidade portuguesa. Assim, estudar os castros e a cultura castreja é fazer nacionalismo e do mais são.

(1) J. R. dos Santos Júnior, *O castro de Carvalhelhos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Est. de Etnologia Peninsular, vol. XVI, Porto, 1957, págs. 25 a 62, 62 figs.; id., *Rampas de acesso às muralhas do castro de Carvalhelhos*, in «Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense», Tomo XX, Años 1959-60, Orense, págs. 361 a 368, 4 figs.; id., *Escavações no castro de Carvalhelhos — Campanha de 1963*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», fasc. 2, vol. XIX, Porto, 1963, págs. 187 a 193, 3 figs.; id., *Escavações no castro de Carvalhelhos — Campanha de 1964*, in id. fasc. 3-4, vol. XIX, Porto, 1964, págs. 360 a 365, 8 figs.

Escavações em 1965

Nos primeiros dias de Agosto de 1965 cheguei a Carvalhos.

Houve dificuldade em conseguir pessoal jornalheiro.

Iniciei os trabalhos com um pedreiro, um homem e quatro rapazes. Na segunda semana consegui mais algum pessoal. As escavações foram de 9 a 20 de Agosto.

Quando subi ao castro verifiquei que tinham sido arrancadas algumas pedras cimeiras das muralhas e das casas. Estava à mostra a chapada de cimento sobre a qual as pedras foram assentes para as fixar com solidez.

Um recanto da muralha exterior fora vandàlicamente derrubado.

Frago de gado, especialmente vacum, era prova de que fora nula, ou pouco eficiente, a fiscalização do homem que ficara encarregado de vigiar a veda do pastoreiro na área do castro.

A escavação prosseguiu a meia ladeira da vertente leste, por cima do sítio onde em 1964 tinham aparecido duas moedas romanas de bronze, um ás de Tibério e outro de Augusto.

Toda a terra foi passada por uma ciranda com rede de tarara de malha quadrada de 5 mm de lado. Dispúnhamos ainda de dois crivos também de rede de tarara, mas de malha um pouco menor. Estes crivos serviam-nos para um apuro de peneiração da terra, quando isso se nos afigurava aconselhável.

A ciranda, suspensa por uma corda ou arame a uma armação conveniente, era manejada por um rapaz: segurando-a pelos dois cabos, à maneira de padiola, imprimia-lhe amplos movimentos de vaivém. Isto permite a rápida peneiração da terra em local conveniente, trazida em carrinhos de mão.

Tem sido este o tipo de ciranda que há mais de 30 anos o Instituto de Antropologia tem usado sempre nas escavações que tem realizado.

Escavou-se a camada de terra escura, terra vegetal, cuja espessura média se pode computar em 40 cm.

A escavação era levada até ao salão, assentada saibrenta, compacta, de cor amarelada.

Não consegui, em qualquer altura ou trecho da escavação, distinguir o menor vestígio de estratificação.

A terra era predominantemente de cor escura. Deve pois tratar-se de terra vegetal acumulada ao longo dos séculos.

Um pouco acima da meia encosta, por baixo da grande casa rectangular e da casa circular com vestíbulo, topou-se com o

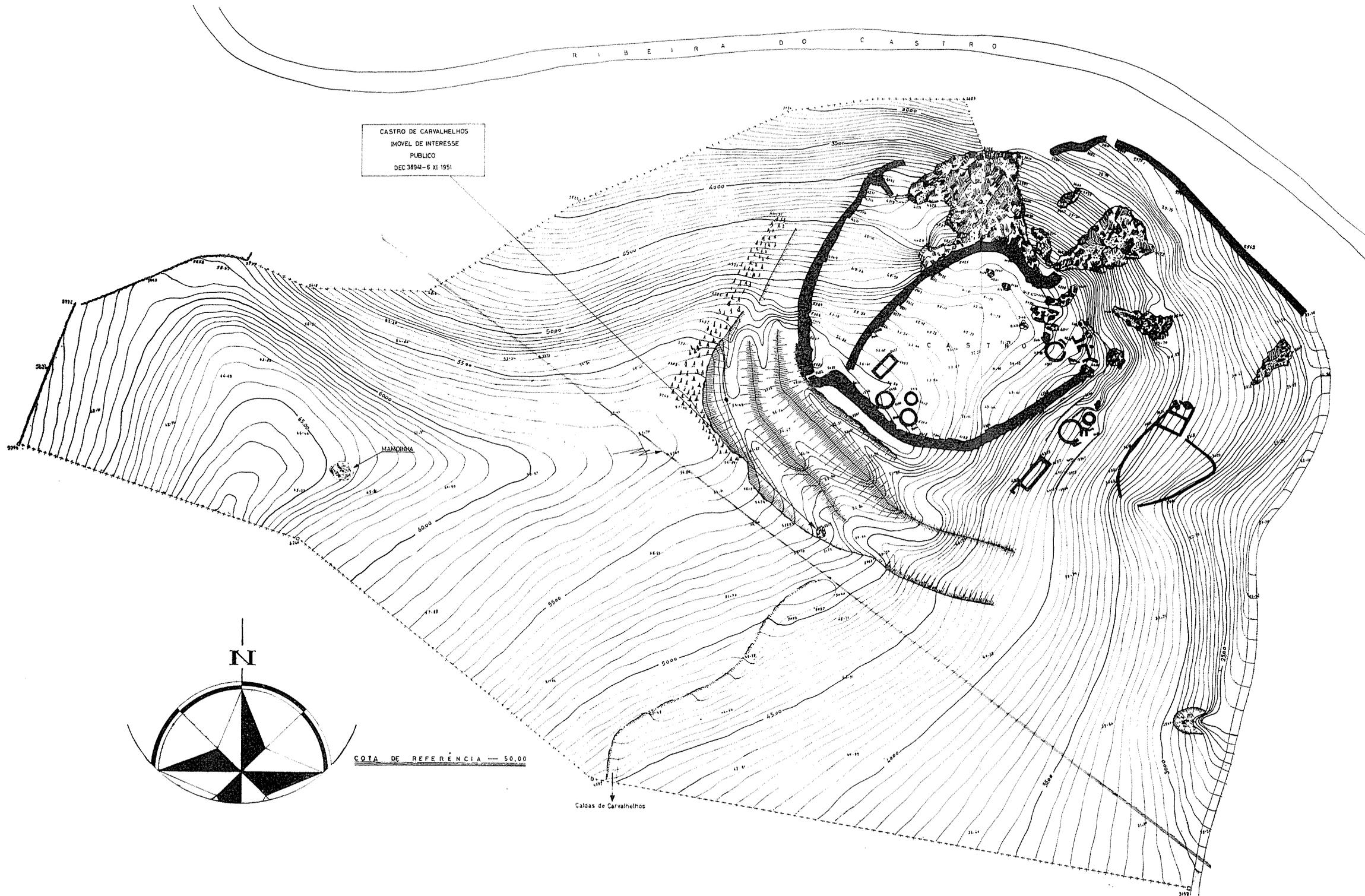


Fig. 1 — Planta do Castro de Carvalhelhos e da zona de protecção cedida pela Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas (Ministério da Economia). O desenho da planta pelo qual se fez esta gravura foi feito pelo Sr. Dr. Ascenso Metelo na escala 1/500. Com a redução na gravura a escala desta é, aproximadamente, 1/1130.

alinhamento duma parede muito tosca, construída quase só de pedras de xisto e pequenas. Seguiu-se cuidadosamente o alinhamento desta parede quase coincidente com uma curva de nível.

Com as pedras derruídas e soterradas refez-se a parede numa extensão de cerca de 20 m e numa altura que varia entre 70 cm e 1 m ⁽¹⁾.

Trata-se dum muro de suporte a constituir terrapleno às duas casas referidas que lhe ficam sobranceiras. É provável que este muro se continue para o lado do norte.

Como sempre, marcou-se com uma discreta tira de cimento, a separação do que se reconstruiu e daquilo que foi encontrado «in situ».

Este muro de suporte, que parece não ter outro significado senão o de formar terrapleno, pode considerar-se como uma manifestação de urbanismo. É uma pequena e pobre manifestação de urbanismo, tão exuberantemente marcado noutros castros e citânias, nomeadamente nas de Briteiros e de S. Fins (Paços de Ferreira), que têm sido cuidadosamente escavadas.

Uns quatro metros acima da parede cimeira da cerca da base da vertente leste apareceu uma cova cónica, perfeitamente aberta no salão saibrento. Tinha uns 20 cm de diâmetro de boca e uma profundidade de cerca de 30 cm. Estava cheia de pó fino que, crivado, não deu nada.

Para que serviria esta covinha cónica, tão bem feita? É pergunta que fica sem resposta, por não atinar qual seria a utilização e significado da mesma. Voltei a encher a covinha com terra, cobri-a com bastante terra, sobre a qual se colocou uma grande pedra. A todo o tempo, tirando a pedra e a terra, se pode examinar a covinha.

*

O espólio da escavação foi escasso. Com relativa abundância apenas escórias e carvão.

Escórias :

Continuaram a aparecer escórias de fundição de estanho ⁽²⁾. Algumas porções maiores, com 300 e 400 g de peso cada uma,

(1) Ao refazer o muro, arrumando nele a pedra caída, o pedreiro perguntou-me se o refazimento se devia fazer a prumo ou a *abadantiar*. Intrigado com o significado desta palavra, que desconhecia, pedi explicação, que veio pronta.

As paredes podem erguer-se a prumo, em *badante* isto é, a puxar para dentro, ou em *tirante*, isto é, a puxar para fora.

(2) O Sr. Proi. Eng.º António Herculano de Carvalho, Magnífico Reitor da Universidade Técnica (Lisboa) e o Sr. Eng.º Horácio Maia e Costa, distinto

outras menores. Certas porções em encordoado perfeito. Em determinado ponto apareceu bastante escória muito fragmentada que parece ter sido britada em pedacinhos do tamanho de grãos de milho e alguns ainda menores.

Carvão :

Continuou a aparecer carvão; o mais dele em pedaços relativamente pequenos. Poucas são as porções maiores que bugalhos.

Cerâmica :

Pouca e muito fragmentada. Predominam os tipos de pasta grosseira, granosa e micácea.

Merece referência uma pequena porção dum vaso de bordo bem revirado, com o resto oxidado dum cravo, resto dum «gato» de ferro cravejado na pança logo abaixo do colo (Fig. 7, *e*).

Apareceram 3 cossoiros fragmentados. A metade dum bastante espesso, com 12 mm de espessura máxima (Fig. 7, *s*); cerca de um terço do outro ainda mais grosso que o anterior, pois tem 15 mm de espessura; de um terceiro, este ornamentado, apareceu quase metade (Fig. 7, *p*), e tem 8 mm de espessura.

Bronze :

Apareceu uma argola de bronze com 34 mm de diâmetro, feita de fio de cobre roliço e grosso, com 5 mm de diâmetro (Fig. 7, *g*).

Uma rodelinha de metal, irregularmente circular, em forma de botão, tem um orifício circular na parte média que lhe serviria de enfiadura (Fig. 7, *h*). Pode interpretar-se como uma conta de colar, se bem que o seu contorno, um tanto irregular, possa constituir objecção a tal hipótese de utilização.

Assistente da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, gentilmente se prontificaram a analisar as escórias colhidas no castro de Carvalhelhos, pelo que lhes testemunho o meu agradecimento.

O Sr. Eng.º Horácio Maia e Costa no estudo a que procedeu verificou alguns aspectos de marcado interesse na técnica de que os castrejos se teriam servido para obter estanho a partir da cassiterite. Isso o levou a escrever o trabalho *Nota sobre as escórias encontradas no Castro de Carvalhelhos*, que se publica neste fascículo 1-2 do vol. XX dos TRABALHOS da Sociedade de Antropologia.

Apareceram mais quatro fragmentos de metal, um dos quais se pode atribuir a uma porção dum arco de fíbula (Fig. 7, *f*). Os outros três são de tão reduzidas dimensões que não é fácil descortinar as peças de que teriam feito parte. Dois são reproduzidos na (Fig. 7, *i* e *l*).

Escavações em 1966

De 4 a 17 de Agosto de 1966 prosseguiram as escavações com subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian a cujo Conselho de Administração e Direcção do Serviço de Ciência, não quero deixar, neste ensejo, de apresentar os meus agradecimentos.

Tal como sucedera em 1965 houve dificuldade em conseguir pessoal jornalheiro, o que dificulta o remate dos trabalhos.

As escavações prosseguiram na vertente leste em continuação dos trabalhos do ano passado.

Fez-se também, no recinto muralhado cimeiro, a escavação duma faixa de 3 a 4 m de largura ao longo da face interna da muralha do lado norte. Algumas pedras que ali afloravam à superfície da terra levavam à suspeita de restos de casas. Tal suspeita não se confirmou.

Fez-se a limpeza do monte em vários pontos do castro, nomeadamente no ouriçado de pedras fincadas ao longo da borda do fosso mais exterior.

Há a registar, e faço-o com especial aprazimento, o levantamento topográfico do castro (Fig. 1), que, gentil e graciosamente, foi feito pelo Sr. Dr. Felisberto Ascenso da Silva Metelo, distinto Professor e Reitor do Liceu Nacional de Portimão e por seu filho, estudante de Engenharia, que quiseram dar a sua valiosa colaboração ao estudo do Castro de Carvalhelhos (Fig. 9).

Ao Sr. Dr. Felisberto A. S. Metelo, que é distinto professor e hábil topógrafo, testemunho o meu sincero agradecimento.

*

Na escavação feita ao longo da porção norte da muralha do recinto cimeiro, verificou-se que um penedo de superfície quase plana fazia pala ao rés da terra, o que oferecia excelentes condições para esconderijo.

Ali apareceu uma lança de ferro muito oxidada que vai reproduzida na fotografia da fig. 6. Foi removida à mão toda a terra

subjacente àquela pala e cuidadosamente passada por crivo de malha miúda. Não apareceu mais nada.

Mais adiante, na faixa escavada junto da muralha, mas já quase na linha do poente, apareceram algumas pedras postas ao lado umas das outras formando pavimento. Sobre elas uma pedra posta de cutelo (Fig. 8). Os trabalhadores consideravam aquilo como uma cozinha ou lareira. Embora não se notassem vestígios de acção do fogo, o certo é que aquela pedra posta de cutelo tem todas as condições do *murilho*, pedra que em muitas cozinhas trasmontanas actuais, serve para se lhe encostar as pontas da lenha a queimar na lareira.

*

O espólio da escavação de 1966 foi escasso, embora já com mais algum interesse do que o de 1965.

Escórias :

Continuou a recolher-se bastante escória na vertente leste. Em certos sítios aparecia muito fragmentada em pedacinhos pequenos do tamanho de grãos de milho, prova de que a escória foi britada. Num dia de cirandagem colheram-se 5,750 kg dessa escória miudamente britada.

Carvão :

Colheu-se pouco carvão e miúdo.

Cerâmica :

Continuou a aparecer cerâmica de vários tipos, predominando a cerâmica de manufatura tosca, granosa, e micácea. Apareceram apenas 3 fragmentos ornamentados (Fig. 7 *m, n, o*).

A maior parte da cerâmica é muito fragmentada por vezes em caquinhos com escassos 2 cm de maior dimensão.

Apareceu uma «tessera» quase circular, com 3 cm de diâmetro. Estes pequeninos discos de cerâmica são considerados como peças de jogo.

Dois fragmentos de cerâmica apresentam orifícios circulares. Um deles com orifício completo a meio, o outro com o orifício reduzido a metade num dos bordos de fractura (Fig. 5, q, r).

Disco de pedra:

Na cirandagem da terra da vertente leste apareceu em disco de pedra quase circular com os diâmetros de 73 mm por 67 mm. É uma verdadeira patela feita por fracturas orientadas em sucessão conveniente para conseguir a forma arredondada. Trata-se, provavelmente, duma patela para o jogo da malha ou chinquillo.

Dado o tamanho relativamente pequeno da patela teria sido utilizada no jogo de rapazes.

Em muitas povoações do leste trasmontano, os homens jogam o «fito», designação ali corrente do jogo da malha, com grandes pedras discóides que chegam a pesar à roda de um quilo e às vezes mais.

Cristais de granada:

São em número de 26 os cristais de granada quase todos muito alterados, de faces corroídas e ásperas. Alguns com faces lisas de icositetraedro deltóide (Fig. 7, a, d).

O maior número tem as dimensões de avelãs. Dois são maiores, do tamanho de bugalhos. Alguns de pequenas dimensões, um dos quais sensivelmente do tamanho de um grão de ervilha ou pouco maior.

Ferro:

Debaixo da pala do penedo de superfície quase plana a que já nos referimos, apareceu uma porção duma lança de ferro muito oxidada, com o comprimento de 12 cm. A parte da lâmina ou folha tem apenas 3 cm de comprimento por 2,5 de largura. O cano de encabamento ou alvado está profundamente oxidado e a esboroar-se (Fig. 4).

Apareceram mais dois pedaços de ferro que não é fácil supor a que instrumento ou peça tenham pertencido.

Moedas :

Apareceram três moedas relativamente recentes. Uma moeda de vinte réis de D. Luís, outra de 500 réis de D. Pedro V e outra 4 centavos com a efígie da República.

Na cirandagem apanhei um bronze romano.

É um ás de Tibério (Fig. 2).

Anverso: cabeça laureada olhando à direita.

Legenda: TI. AVGVS. DIVI. AVGVS [TI IMP. CAE] SAR

Reverso: touro.

Legenda: por cima do touro L. FVL. SPARSO; por baixo do touro L. SATVRNIN[O]; à esquerda do touro M. C. I., à direita do touro, por baixo do pescoço VIR.

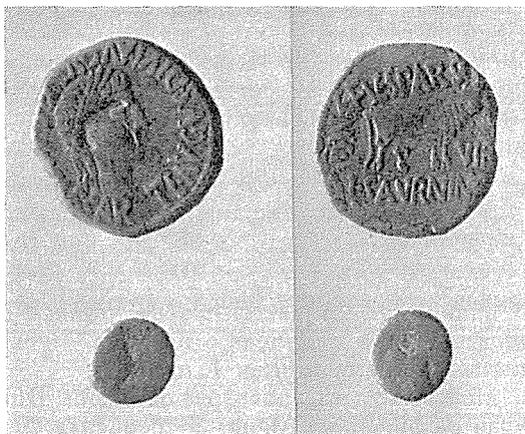


Fig. 2 — Em cima: moeda de bronze romana «ás» de Tibério.
Em baixo: disco de prata (moeda?) de faces quase lisas

Este bronze romano é inteiramente semelhante ao que ali apareceu no ano de 1964 (1). É moeda colonial cunhada na «ceca» 2.^a de Galagurris n.º 13», a actual Calahona na província espanhola de Logroño.

Na ciranda, e no mesmo dia em que se encontrou o ás de Tibério, apareceu um pequeno disco de prata quase circular, com os diâmetros, em milímetros, 11 × 12, e o peso de 17 dg (Fig. 2).

Pelas dimensões trata-se provavelmente duma moeda.

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Escavações no castro de Carvalhelhos — Campanha de 1964*, cit., págs. 362-363, e fig. 7.

O desgaste que sofreu apagou por completo o cunhado das duas faces; no entanto, numa das faces vê-se uma figura que se assemelha a um 5 enquadrado por 2 traços paralelos à direita e outros dois à esquerda. Na outra face parece ver-se vestígios de um escudete.

Contas

No dia anterior àquele em que apareceu o ás de Tibério e o disco de prata, a que acabamos de nos referir, apareceu uma conta de vidro dourado.

A conta é cilindróide com dois estrangulamentos circulares nos topos (Fig. 7, *j*). Tem 9 mm de comprimento por 5,5 mm de diâmetro máximo. É lindamente dourada, translúcida, com irisações, refulgentes à luz directa do sol. O amarelo dourado parece estar incorporado na massa vítrea.

No Museu da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) vi uma conta inteiramente semelhante.

Outra conta, esta de vidro azul, opaca, apareceu também nas escavações deste ano ao cirandar a terra da vertente leste. Tem de diâmetro 4 mm de altura e segundo o eixo do orifício também 4 mm (Fig. 7, *k*).

Conclusões

Nas escavações de 1965 e 1966 continuou a aparecer muita escória de metalurgia de estanho, o que parece demonstrar que aquele pequenino castro seria um importante núcleo de tratamento da cassiterite para obtenção do estanho, metal de suma importância para a fabricação do bronze.

A cassiterite, minério de estanho, aparece no cabeço sobranceiro ao castro situado junto da pequena aldeia de Carvalho. Ali tem sido explorada juntamente com minerais de volfrâmio por uma empresa mineira.

Em 1966 ali obtive belos cristais de cassiterite que ofereci ao Museu de Mineralogia da minha Faculdade.

A reforçar a hipótese de que o pequenino castro de Carvalhos foi, muito provavelmente, importante centro de mineração e preparação de estanho, citarei o facto do aparecimento de cerca de 200 quilos de cassiterite, numa cova esconderijo a que me referi a págs. 48 a 50 do meu citado trabalho *O castro de Carvalhos*, Porto, 1957.

A cerâmica continua a ser pouca, muito fragmentada e predominantemente lisa. Ornamentados apenas os fragmentos que vão reproduzidos na Fig. 7, *m, n, o*.

Os cristais de granada, em número de 26, devem ter vindo com o minério de ferro necessário ao tratamento da cassiterite na preparação do estanho. Poucos são os cristais que apresentam faces do icositetraedro deltóide (Fig. 7, *a e d*). A maior parte dos cristais sofreu profunda alteração das faces que se mostram rugosas num todo de forma esferoidal.

A moeda de Tibério encontrada em 1966 é inteiramente semelhante à que apareceu na escavação de 1964 e a poucos metros acima do sítio onde a primeira foi encontrada.

Merece especial referência a conta vítrea de reflexos dourados que vai reproduzida na fig. 5, *j*. Como referi atrás existe uma conta inteiramente semelhante no Museu da Citânia de Sanfins. São tão semelhantes estas duas contas que não repugna acreditar que tenham saído da mesma oficina.

Embora nos curtos períodos — 2 ou 3 semanas em cada ano — dos 15 anos de trabalhos feitos na valorização deste pequenino castro algo se tenha feito e algum espólio de certo interesse tenha sido recolhido, há ainda pequenas tarefas a levar a cabo.

Não quero deixar de mais uma vez, com o testemunho do meu agradecimento, realçar a valia decisiva das ajudas e subsídios prestados pela Empresa das Águas de Carvalhelhos, pelo Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, pela Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Os trabalhos do ano de 1966 foram realizados com subsídio desta última benemérita instituição, da qual o Instituto que tenho a honra de dirigir tem recebido vários e importantes auxílios.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»
Fac. de Ciências da Univ. do Porto
Dezembro de 1966

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Dir. do Inst.^o de Antrop. Dr. Mendes Corrêa